

No Banquete do Evangelho

Dizia Luciano de Samosata que a vida humana deve valer, não pela sua extensão, mas pela sua intensidade de sofrimento.

No plano dos homens desincarnados, somos compelidos a renovar esse conceito, na taboa de um novo reajustamento, acrescentando que a existência do homem deve valer pela intensidade da sua edificação espiritual.

Não basta sofrer desesperadamente, como o naufrago revoltado, recolhido na onda de sua própria imprevidênciā. É necessário conhecer a finalidade da dor, lapidaria da evolução e eterna obreira do Espírito.

A morte não é sinônimo de renovações integrais e definitivas. Para o homem que demandou o reino das sombras, ainda existe o véu de Isis, e, no seu coração, ainda ressoam as célebres exortações do oráculo de Delfos. Encontramo-nos “nes-

te outro lado da vida", com as mesmas inquietações e com a mesma necessidade de aperfeiçoamento. E, não raro, sentimo-nos envolvidos na rede caprichosa dos cálculos de Edipo (¹), ansiosos por solver os nossos problemas próprios.

Não obstante o milagroso elixir das letras, do qual abusei largamente no mundo, sinto-me hoje tão necessitado de conhecimento, como nos tempos da infancia, em Miritiba, quando minha mãe me conduzia á ferula do velho professor Agostinho Simões, que me apavorava com os seus gestos selvagens, junto da palmatória.

A escola do mundo tem aqui o seu prolongamento lógico e é inutil que o nosso pensamento se perca nas cogitações da dúvida, agora injustificável pela ausência da indumentária larval.

Examinando o Evangelho, nada mais realizais que um belo esforço, em favor de vossa iluminação nas sendas do Infinito. Sois aqueles

(1) OEDIPO, cujo Destino seria assassinar o pai e casar-se com sua própria mãe (segundo os oráculos), foi, por esse motivo, abandonado num monte, e daí salvo e educado em corte estrangeira.

Ignorando sua origem, quando adulto pediu ao oráculo a sua profecia, e este lhe repetiu o que já outro prognosticara. OEDIPO, para fugir a tão horrendo crime, exilou-se, e o Destino o guiou exatamente para junto dos páis, onde se cumpriu, sem que ele os conhecesse, a terrível predição.

E' uma das mais interessantes, acidentadas e emocionais creações da Mitologia. Poetas, músicos e pintores tomaram-na para assunto de notáveis e celebres trabalhos.

marinheiros previdos e seguros que, entre os rochedos perigosos e ocultos da maré brava, sabem enxergar o leque de luz que os faroleiros desdobram sobre as aguas, na sua doce tarefa de sacrifício.

Ides lér uma página acerca das consequências nefastas do orgulho, analisando, simultaneamente, a harmoniosa luz da humildade.

A propósito do assunto, ocorre-me lembrar-vos que nós, os intelectualistas e homens de letras, possuimos aqui, igualmente, os nossos círculos espirituais de estudos evangélicos, em horas prévia mente determinadas pelos generosos amigos que nos orientam do Alto.

Se é verdade que as reuniões das quintas-feiras, na Academia Brasileira de Letras, eram o último encanto intelectual dos derradeiros dias de minha vida, agora, a minha nova alegria verifica-se ás quartas, quando de nossas assembleias deliciosas e amigas, no Templo de Ismael. Se no mundo prevaleciam as expressões ruidosas da ornamentação exterior, com os fardões academicos, os pesados livros de literatura ou de ciência, junto das mulheres elegantes e gozadoras da vida, o meu júbilo, no momento, é mais íntimo e mais profundo, porquanto, aqui, preponderam as harmonias do bem e as luzes da humildade cristã.

Nessas reuniões, por várias vezes, emergem ainda as recordações da Terra, acordando o fantasma de nossa saudade morta; porém, a Verda-

de de Jesus está sempre brilhando, com o sagrado objetivo de nos ensinar o caminho, nos arquivos do Tempo.

Ainda no dia 31 de Maio ultimo (1), reunamo-nos na Casa de Ismael, aguardando o banquete de iguarias espirituais. Discutiamos a moção apresentada pelo Dr. Carlos Fernandes, em nome da Sociedade de Medicina e Cirurgia, ao Ministério da Educação, reforçando a propaganda da "Hora Espírita Radiofônica" e assegurando mais essa vitória espiritual em nosso ambiente cultural. Comentavamos os acontecimentos do Rio e falavamos de suas personalidades mais eminentes, buscando, de vez em quando, uma imagem mais forte no acervo das ciências humanas, para justificar esse ou aquele conceito. Presidia á nossa assembléia a figura austera e simples de Pedro Richard, entidade amorável e amiga, em cujo coração fraterno encontramos as melhores expressões de fraternidade em todos os dias. Richard não é o Espírito que trouxe do mundo a súmula dos tratados e das encyclopédias que correm os ambientes intoxicados do século, com as pretensões mais descabidas. Seu coração não se contaminou com o veneno do intelectualismo pervertido dos tempos que correm, mas

(1) Dia de sessão do Grupo "Ismael", núcleo espiritual da Federação Espírita Brasileira.

a sua sabedoria é a do poder da fé que soube devassar o mistério da vida.

— "Richard — disse eu, em dado instante, valendo-me dos recursos de minha passada literatice, no desdobramento de nossa palestra — você sabe que foi o Pisistrato (1) que ordenou a publicação das rapsódias homéricas?".

— "Ignoro — respondeu êle, humildemente — em compensação, sei que Jesus ordenou aos seus apostolos a grafia dos Evangelhos".

— "Ah! é verdade!... — fizemos nós dentro de nossas taras psicológicas de jornalista desincarnado — sem os Evangelhos todo o esforço do mundo será justamente o trabalho improfícuo das Danaides" (2).

— "Danaides? — exclamou o nosso amigo, na sua faina educativa. — Não preciso ainda desse conceito mitológico, porque no próprio Evangelho está escrito que não se coloca remendo novo em pano velho".

E é desse modo que, em cada conceito, surge para nós um ensino novo.

Por largo tempo ainda, comentámos a incúria dos nossos companheiros mais caros, conde-

(1) **Pisistrato** — tirânico de Aténas, que muito embelleceu e lhe deu assinalados serviços.

(2) **DANAIDES** — Nome das cinqüenta filhas de Dánaus (rei mitológico do Egípto), as quais, menos uma, mataram — na própria noite nupcial — os respectivos maridos. Foram por isso condenadas, no Tártaro (fundo do Inferno mitológico), a encher um tonél sem fundo.

nando a indiferença dos corações desviados da luz e da fé, nos caminhos da ignorância, sem os clarões amigos da Verdade. Em seguida, falámos da caridade e dos seus grandes labores na face da Terra, organizando-se, entre nós, os mais elevados ideais para a construção de celeiros de atividade material, quando o nosso amigo sentenciou:

— “Irmãos, nesta Casa, temos de compreender que toda a caridade, em seus valores mais legítimos, deve nascer do Espírito para o Espírito. As idéias religiosas do mundo não se esqueceram de monumentalizar as suas teorias de abnegação e bondade. Hospitais e orfanatos, abrigos e templos se edificaram, por toda parte; entretanto, o homem foi esquecido para o Conhecimento e para Deus. A caridade que veste nus e alimenta os famintos está certa, mas não está justa, se desconhece o Evangelho no santuário do seu coração. A obra de Ismael tem de começar no íntimo das criaturas. Aqui, não podem prevalecer os antagonismos do homem, no acervo de suas anomalias. Iniciar pelo fim é caminhar para a inversão de todos os valores da vida. A Casa de Ismael tem de irradiar, antes de tudo, a claridade do amor e da sabedoria espiritual, objetivando o grandioso serviço da edificação das almas. Primeiramente, é necessário educar o operário para os preciosos princípios e finalidades da maquina. Iluminado o homem, estará iluminada a obra hu-

mana. A evolução da alma para Deus se fará, então, por si mesma, sem desvios da méta a ser alcançada. Não haverá razão para o sacrifício de seus pregueiros, porque em cada coração existirá um hostiario celeste”.

— “Mas, Richard — objetou um de nós, fascinado pela sua erudição divina e pela clareza de sua logica — como poderemos fazer sentir a todos os nossos irmãos pela fé e pelo trabalho a sublimidade desses raciocínios?”.

Todavia, Pedro Richard apontou-nos para a luz que vinha da célula de Ismael, onde nos reuniram para receber as bençãos das Alturas.

Bittencourt Sampaio já havia chegado para distribuir os fragmentos do pão milagroso de sua divina sabedoria.

E, em silêncio, como se nos aquietassemos sob uma força misteriosa, sentimos que serenavam, em nosso íntimo, todas as preocupações pueris trazidas do nevoeiro espesso do mundo. De alma genuflexa, esquecidos das querelas e das amarguras terrestres, recolhemos o coração na urna suave da fé, para ouvir, então como discípulos humildes, a lição de humildade, que nos trazia o grande apostolo da mensagem excelsa e eterna do Christo.

(Recebida pelo médium Francisco Cândido Xavier, em 6 de Junho de 1939).